

A ENCENAÇÃO DA PALAVRA LITERÁRIA**

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o texto literário, como um lugar de produção e realização do desejo, além de pensar sobre o poder de sedução ou fascinação que existe no ato da escritura e da leitura.

ABSTRACT

This paper aims at reflecting on the literary text as a locus for the production and fulfillment of desire, besides considering the power of seduction and fascination present in the acts of writing and reading.

* Professora Adjunta da Faculdade de Letras da UFMG.

** Trabalho apresentado na Mesa redonda sobre Ato/Palavra promovida pelo Centro de Estudos Galba Velloso de residência de psiquiatria da Fhemig, em 25/11/87.

Meu texto pretende não só refletir sobre a questão do literário, lugar do possível do desejo, como também ser um texto: encenar-se, como tecido feito na linguagem. Atuar e pactuar.

Se o texto é sempre tecido, malha ou tapeçaria, é também esconderijo, jogo de esconde-esconde e as paixões aí se representam deformadas e se mostram com diversa roupagem. Roupagem que se tece de palavras, entretanto. Pois é do e no seio mesmo da linguagem que o texto se revela e se constrói como produtividade - possibilidade de produção do desejo. Na materialidade dos significantes, atualiza-se a emergência dos fantasmas, que se travestem em ficção feita na palavra.

O texto literário, como o palco teatral, é onde se encenam as fantasias, onde as "imagens se pavoneiam", segundo Mannoni no seu "A ilusão cômica ou o teatro do ponto de vista do imaginário".¹

Referindo-se a Freud, diz Mannoni que o teatro nasce do tédio e, podemos afirmar que, da folha branca que mimetiza a falta, nasce o texto literário. Se no palco psíquico e teatral, as imagens se encenam com toda sua carga de representação visual, é na superfície mesmo da folha branca, na sua materialidade espacial, que o jogo dos significantes é capaz de construir o mundo ficcional.

Mundo que se constrói, não mimetizando as coisas do mundo externo, mas a própria linguagem. É ela que se torna ato, tal como um ator se torna personagem. Como o ator, ela é também duplo: duplo da linguagem que se fala no real de cada dia.

Entretanto, no texto literário ela tem outra tessitura e se articula em diversa dimensão: a dimensão do imaginário, quan

do o leitor, esquecendo-se de que transita num universo verbal, entra no espelho do texto e aí se reencontra.

Se os fantasmas aparecem, eles são tecidos por palavras que valem *por si, em si*, por sua materialidade significativa, seus ruídos, ressonâncias, ecos. Mas também por sua capacidade de criar um outro real, onde o leitor se instala, quando faz seu pacto especular de leitura.

Há de haver um pacto especular para se ler com a paixão do imaginário e aí deixá-la ser. O que se encena no texto não são só os personagens, mas o próprio leitor que se torna personagem, quando entra na instância ficcional.

Segundo ainda Mannoni, é necessária a "denegação" para que o espectador assista ao teatro e aí viva a representação, como se ele aí não se representasse também. Como se um obscuro *outro* fosse depositário dos afetos que nela emergem. Entretanto, como diz Roland Barthes:

Na cena do texto não há ribalta: não existe por trás do texto ninguém ativo (o escritor) e diante dele ninguém passivo (o leitor); não há um sujeito e um objeto. O texto prescreve as atitudes gramaticais: é o olho indiferenciado que fala de um autor *excessivo* (Angelus Silesius): "O olho por onde vejo Deus é o mesmo olho por onde ele me vê".²

Todas as paixões, todos os excessos podem-se vivenciar no ato de ler o texto, desde que o pacto especular se constitua. Esse pacto é também *contrato de prazer*, ou de gozo, pois ele vai permitir a transgressão e seu cortejo de figuras do imaginário. Ainda Barthes:

O texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu *kama-sutra* (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura).³

Entretanto, se o leitor entra no espelho do texto, ele também pode sair, distanciar-se, falar do texto, fazer seu próprio texto. Os ritmos da leitura são também corporais, eles se aceleram ou se cadenciam. Estancam-se num súbito sópro e depois voltam. São os ritmos da leitura e do prazer.

Como tudo acontece na instância linguageira, ela própria é puro ato: "é o verbo se faz carne e habitou entre nós". Assim o texto se faz carne e corpo erótico, na medida de sua materialidade significativa.

O texto literário é verbo que coabita com nossos verbos, significantes que nos constituem, pois somos seres de palavras. Se os personagens são seres de papel (Barthes), o leitor também o é. Duplamente. Na medida em que se constitui *da* e *na* linguagem e na medida em que transita na superfície da palavra ficcional.

Este sujeito leitor, assim como o narrador imediatamente se divide no espaço do literário, torna-se duplo de si mesmo, como sujeito da enunciação e do enunciado. Aí ele se encena, se representa, se teatraliza, vive todas as "loucuras", usando as palavras-vestes preferidas. Aí ele se aliena gozosamente, nos misteriosos descaminhos do eu que fala e se fala.

Aí o eu se encena em múltiplos papéis e dá-se a ler ou a ver, travestindo e criando as palavras do seu desejo.

Mas o texto literário não é só o lugar do espelho de Narciso, onde o prazer da própria imagem se atualiza. Ele pode ser o lugar de todas as rupturas, todas as transgressões, pois é do veneno da escritura, lugar do tesouro dos significantes, que se constroem os novos mundos da utopia.

Utopias que, se não se realizam, atualizam-se em palavras e trazem para o seio da linguagem novas e imprevistas cargas semânticas, inéditos e revolucionários significados.

Enfim, neste espaço especial o gozo se torna possível, com seu excesso e seu sempre latente poder subversivo. Com Barthes, se pode falar de um texto de prazer ou um texto de gozo, texto de segurança, idílico, do conforto, do conhecido e do familiar. Ou texto nascido das perdas e revelador delas, gerador do inquietante, do *unheimlich*, provocador de inesperadas vertigens.

Se o sujeito que escreve ou o que lê é habitado por palavras, elas estão sempre aí, e é nelas e em seus ecos que o inquietante familiar se manifesta. E esse também, de alguma forma, é o lugar de um estranho prazer que assusta e fascina.

Por tantos motivos, o texto literário é sempre fascinante e sedutor, pois se ele não exerce seu poder, o leitor não o lê. E o texto não existe sem seu fascinado leitor e sua relação corporal, amorosa e material com o livro texto. Se não há sedução,

o olho que o lê e a mão que o abre fecham-se, interrompendo o circuito que ele estabelece entre o real e o ficcional. É nesse entrelugar que tudo acontece e se encena, onde o desejo se torna ato - na palavra.

NOTAS

1. MANNONI, O. A ilusão cômica ou o teatro do ponto de vista do imaginário. In: ____. *Chaves para o imaginário*. Petrópolis, Vozes, 1973.
2. BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. S. P., Perspectiva, 1977. p. 24-25.
3. Idem, p. 11.